

14/10/2009 - 01h10

Cultura de paz: Chegou o momento

Por Federico Mayor Zaragoza*

Barcelona, outubro/2009 – Chegou o momento. A cultura de guerra, a economia de guerra, o domínio hegemônico dos “globalizadores” fracassaram estrepitosamente, ao preço de sofrimentos, fome, pobreza extrema, convulsões sociais... É preciso um “novo começo”, coincidindo com o novo século e milênio.

Desde sempre predominaram a força e a imposição, a violência e o confronto bélico, a ponto de a história parecer reduzida a uma sucessão interminável de batalhas e conflitos, nos quais a paz é uma pausa, o intermédio. E assim, um século e outro século, com fugazes tentativas de emancipação.

Educada para o exercício da força, acostumada a acatar a lei do mais poderoso, mais treinada no uso do músculo do que da mente, a humanidade se viu arrastada aos mais sangrentos confrontos. Em lugar de fraternidade, inimizade. O próximo, próximo ou distante, não aparece como o irmão com quem compartilhamos um destino comum, mas como um adversário, como o inimigo que devemos aniquilar. Desse modo, um cadeia interminável de enfrentamentos, de ataques e represálias, de vencedores e vencidos, de rancores e inimizade, de violência física e espiritual, marca nosso passado.

Há, felizmente, uma história paralela, invisível, cujos elos são forjados dia a dia pelo desprendimento, pela generosidade, pela criatividade, que distinguem a espécie humana. É uma densa trama, incomparável, e intransitória, porque feita com o esforço de muitas vidas, tenazmente dedicadas a construir, como ocupação cotidiana principal, os baluartes da paz.

“Não há caminhos para a paz; a paz é o caminho”, nos recordou Mahatma Ghandi. Um caminho guiado por princípios e valores. Pela justiça em primeiro lugar. A paz é, por sua vez, condição e resultado, semente e fruto. É necessário identificar as causas dos conflitos para poder preveni-los. Evitar é a maior vitória.

A Unesco, organização do sistema das Nações Unidas, à qual se encomenda explicitamente a tarefa de construir a paz por meio da educação, da ciência, da cultura e da comunicação, recorda, no preâmbulo de sua Constituição, que são os “princípios democráticos” da justiça, liberdade, igualdade e solidariedade que devem iluminar esta grande transição de uma cultura de violência e guerra para uma cultura de diálogo e conciliação. Foi a partir da Unesco que começou o grande programa, na década de 90, “Por uma cultura de paz”.

A Declaração e o Programa de Ação sobre uma Cultura de Paz, aprovada em setembro de 1999, estabelece que a cultura de paz é um conjunto de valores, atitudes e comportamentos que refletem o respeito à vida, ao ser humano e à sua dignidade. No Plano de Ação encontram-se as medidas de caráter educativo, de gênero, de desenvolvimento, de liberdade de expressão, que devem ser colocadas em prática para a grande transição da força para a palavra: fomentar a educação para a paz, os direitos humanos e a democracia, a tolerância e a compreensão mútua nacional e internacional; lutar contra toda forma de discriminação; promover os princípios e as práticas democráticas em todos os setores da sociedade, combater a pobreza e conseguir um desenvolvimento endógeno e sustentável que beneficie a todos e que proporcione a cada pessoa um contexto de vida digno; e mobilizar a sociedade para forjar nos jovens o desejo fervente de buscar novas formas de convivência baseadas na conciliação, na generosidade e na tolerância, bem como na rejeição a toda forma de opressão e violência, na justa distribuição da riqueza, no livre fluxo da informação e nos conhecimentos compartilhados.

O Manifesto 2000 Ano Internacional para uma Cultura de Paz, assinado por mais de 110 milhões de pessoas de todo o mundo, estabelece “o compromisso, em minha vida cotidiana, em minha família, em meu trabalho, em minha comunidade, em meu país, em minha região, de respeitar todas as vidas,

rechaçar a violência, liberar minha generosidade, ouvir para compreender, preservar o planeta, e reinventar a solidariedade". É disto que se trata: de nos envolvermos, de nos implicarmos pessoalmente neste processo que pode levar, em poucos anos, a esclarecer os horizontes, hoje tão sombrios, e permitir a convivência pacífica de todos os habitantes da Terra.

Já são muitos os países, regiões, municípios que incorporaram a cultura de paz em suas constituições ou estatutos. É muito importante que esta inclusão se generalize, mas é mais importante ainda a consciência popular de que chegou o momento de não aceitar mais a imposição e a obediência cega ao poder, porque os cidadãos estão deixando de ser súditos, estão deixando de ser espectadores, para serem atores, estão abandonando o silêncio e o medo para deixarem de ser vassalos e se converterem em agentes de paz.

Hoje, a participação não presencial por meio da telefonia móvel, pelo SMS, ou pela Internet, já permite uma mudança radical no que constitui o fundamento de toda democracia: a consulta popular.

Nestes dez anos, foram realizadas muitas coisas. Mas a inércia dos interesses gerados, a resistência dos mais prósperos a compartilhar melhor, opõem-se ao advento da cultura de paz, da palavra, da aliança, da compreensão.

Porém, logo cederão. Chegou o momento. IPS/Envolverde

** **Federico Mayor Zaragoza** é presidente da Fundação Cultura de Paz e ex-diretor-geral da Unesco.*

(Envolverde/IPS)



<http://envolverde.ig.com.br/materia.php?cod=64441>